

DF-LIXO
Serviço de Limpeza Urbana (SLU) exige identificação com foto 3x4 de todos que coletam papel no Lixão

CATADOR DE CARTEIRINHA

Marcelo Abreu
Da equipe do Correio

Em meio a urubus, ratos, moscas, mau cheiro e podridão, agora ele também vai reinar: é o crachá. Pobre crachá. Quem vai lembrar, diante de tanta fome e miséria, da sua importância? Na verdade, náquele lugar, aquele pedaço de papel duro plastificado não faria a menor diferença.

Pouco importa qual a relevância. Até o início da próxima semana, todos os 700 catadores de lixo do Lixão, no Aterro da Estrutural, serão obrigados a usar o tal crachá de identificação sob pena de não ter acesso à local. "É para fazer um controle das pessoas que entram e saem do Lixão, já que a área vai ser controlada por segurança", explica, sem polemizar, Luciano Sales, diretor geral do Serviço de Limpeza Urbana (SLU).

Ele não arreda pé: "Com a construção da guarita, é a única forma

de termos um controle das pessoas que estão trabalhando no Lixão", avalia. "Foi um ano de conscientização, explicando para os catadores a importância do uso do crachá", ratifica João José Azevedo, diretor de operações do SLU. "E foi difícil fazer com que eles entendessem a importância desse controle", completa.

Sem entender muito o motivo da exigência de usar o documento de identificação, o baiano Jorge Pereira Alves, 32 anos, casado, três filhos e quatro dentes na boca, pagou do seu bolso R\$ 6 — ele cata 1.500 quilos de papel por semana e ganha R\$ 50 — para tirar meia-dúzia de fotos 3 x 4. "Eles disseram que se a gente não tiver o crachá não vai ter como trabalhar aqui", revela. Morador da Invasão da Estrutural, Jorge sustenta a família com o dinheiro que ganha catando papelão no Lixão. "Eu tive que pedir dinheiro emprestado para tirar os retratos. É melhor fazer o que

eles pedem do que ficar sem ter onde trabalhar", observa, precavido, esse baiano.

A mais de dois mil quilômetros de distância do Lixão, em Cristalândia, no Piauí, o roceiro Valder Carvalho da Silva, 20 anos, trabalhava duro. Das 7 às 19h. "A gente só parava quando escurecia", lembra, com saudade.

Valder sonhava em conhecer uma cidade grande. Deixou a família e veio arriscar. Hoje, morando na Invasão da Estrutural, ele conheceu a cidade grande e toda sua sujeira no lixo. Continua trabalhando muito. "Aqui, a gente comeceia cedo e só larga tarde da noite. Tem dia que a gente dorme aqui mesmo, esperando o próximo caminhão chegar", detalha.

Na roça, crachá era palavra difícil até de pronunciar. "Nunca usei um negócio desses, mas se eles falam que é para organizar, tudo bem, a gente tem que aceitar", concorda o piauiense.

Fotos: Ronaldo de Oliveira



Firmino (D): "As vezes, a gente tem sorte e pega um pedaço de peixe ou até carne no lixo. É o nosso almoço"

Pobres temem perder documento

De vendedor ambulante a catador de papel no Lixão. Esse foi o itinerário que o baiano da cidade de Cocos, Mário Castro de Abreu, 43 anos, percorreu nos últimos dois anos. Casado, quatro filhos, ele ganha R\$ 100 por semana e trabalha em média 12 horas por dia, debaixo de sol ou chuva. "Só espero não perder o crachá no meio do lixo", preocupa-se.

O temor de Mário é compartilhado pela companheira de trabalho, a piauiense Noélia Carvalho da Silva, 43 anos, viúva, seis filhos para sustentar. "Eu nem sei o que tá escrito aqui, mas Deus me livre se eu perder esse bichinho. E é aqui, moço, que tiro o pão dos meus filhos." Dos R\$ 60 que ganha por semana, Noélia desembolsou R\$ 6 para tirar meia dúzia de retratos. "Eu pedi pro rapaz tirar uma fotografia bem bonita. Queria ficar com cara de gente importante no retrato", diz. "O crachá vai dar mais respeito pra gente, né?", sonha. Em seguida, depois da demasiada importância que deu ao papel plastificado, indaga: "Será que no meio dessa seboseira toda alguém vai reparar que a gente tá usando crachá?"

Na última segunda-feira, o Correio testou como o documento de identificação ficaria sobre as roupas maltrapilhas dos catadores do Lixão. Desconfiados e arredios, eles perguntavam para que serviria. "Vão tirar a gente daqui?", perguntou um catador. "Não, é o crachá pra nós usar", respondeu outro, animado.

Passado o momento de incerteza, os catadores aceitaram experimentar o crachá. "Eu nem sei como se coloca isso, moço", comentou o baiano José Santos. Mais espertinho.

Outra baiana de Pilar, Benvida Maria Alves, 48 anos, era só alegria. "Meus Deus, como esse documento é bonito", extasiava, pegando cuidadosamente um modelo já pronto.

Casada, com 11 filhos e um marido desempregado para "dar comida", Benvida não vê a hora de colocar o crachá no peito. Enquanto catava batatas no meio do lixo para ajudar na alimentação da família, ela afirma: "Se é pra botar ordem nesse lugar, eu acho que é uma boa idéia. Eu só quero é trabalhar em paz."

Enquanto alguns se empolgavam com o novo crachá, outros faziam a festa por outros motivos. Em meio a tanta euforia, o catador José Souza, isolado, deliciava-se com uma revista erótica que catou dentro do lixo. "Crachá? Eu nem sabia que era pra gente fazer", limitou-se a responder.

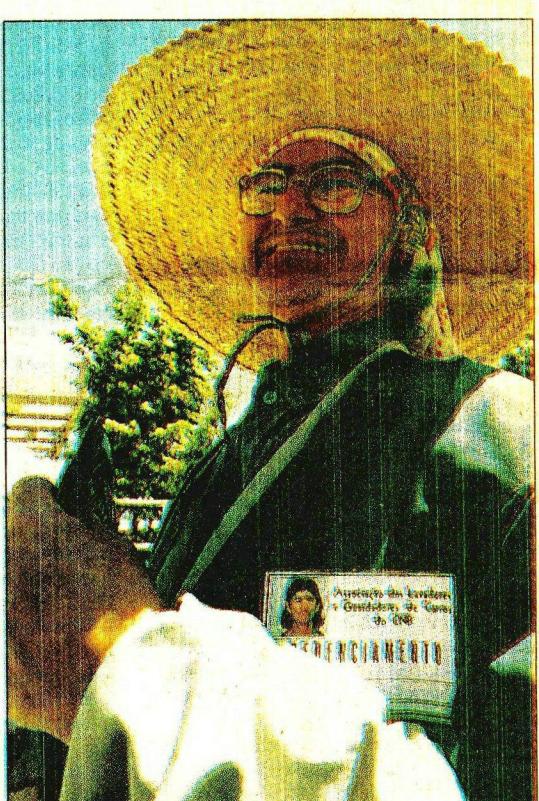
ADEUS, CRACHÁ

O interesse dos catadores por causa do crachá só foi interrompido quando chegou mais um caminhão do SLU abarrotado de lixo. Nesse momento, o inusitado crachá foi relegado a uma categoria de personagem coadjuvante.

Os catadores saíram correndo, deixaram o papel plastificado de lado e foram atrás dos sacos despejados pelo caminhão. Parecia água em deserto. Comida caindo de helicóptero na Etiópia. "Se a gente não correr, não come não", disse Firmino Nunes dos Santos, 41 anos, natural de Jequié, na Bahia. Ele tirou o crachá da sua camisa cor de barro, entregou a um funcionário do SLU e foi atrás de papel. "As vezes, a gente tem sorte e encontra um pedaço de peixe ou até carne. É o nosso almoço do dia", comemora. A partir daquele momento, do crachá, ninguém mais falou.

SE A MODA PEGA...

Já pensou se pipoqueiros, baleiros e garrafeiros também passem a ser obrigados a usar crachá? A idéia não é vista com bons olhos. "Usar o



Maria de Melo, guardadora de carros: "Pra mim, esse crachá não tem importância"

quê? Pra quê? indignou-se um pipoqueiro que faz ponto na passarela que liga o Conjunto Nacional ao Conic. "Never usei e não é agora que vou usar. 'Crachá é pra doutor', resmungou um baleiro ao lado do pipoqueiro.

Grave engano. Crachá não é privilégio apenas de doutor. Se o baleiro soubesse que a guardadora de carro do estacionamento do Conjunto Nacional, Maria de Melo Miranda, 57 anos, usa um crachá da Associação dos Lavadores e Guardadores de Carros e nunca pisou num banco de escola, não acreditaria.

Há 16 anos, a pequena cearense de 1m45 — é a guardiã dos carros dos *doutores* que frequentam o shopping. "Pra mim, esse crachá não tem nenhuma importância. Sou mais conhecida aqui do que pau no meio da rua", gaba-se da popularidade.

Segundo Maria, só tem um momento em que a identificação se torna necessária. "É quando chegam os moleques querendo roubar a vaga da gente. Aí, mostro meu retrato e digo que o ponto é meu." Nessa hora, mais que um crachá, o papel plastificado no peito da cearense vira sua arma de sobrevivência. "É com o dinheiro que ganho aqui que sustento meus seis filhos."